

Mundo Legislativas e regionais na Venezuela

Eleições marcadas por apelos ao boicote e desânimo geral

A líder da oposição venezuelana, María Corina Machado, tem apelado ao boicote do acto eleitoral de hoje

Ana Brito

A Venezuela realiza hoje as eleições legislativas e regionais para escolher os 285 deputados para a Assembleia Nacional e 24 governadores estaduais.

Dez meses depois das últimas presidenciais, marcadas por grande mobilização popular, em que a coligação da oposição (a PUD - Plataforma Democrática Unitária) encabeçada por Edmundo González reclamou uma vitória por 66,23% dos votos, mas em que o Conselho Nacional Eleitoral (CNE) e o Supremo Tribunal declararam a vitória de Nicolás Maduro com 51,20% dos votos, “não há espírito de eleições, como se sente nos outros anos, diz ao PÚBLICO o conselheiro das comunidades portuguesas na Venezuela Fernando Campos Topa.

As manifestações contra o resultado oficial e a repressão que se seguiu, bem como a recusa do Governo de Maduro de divulgar os registos oficiais para comprovar a veracidade dos números “deixaram marcas difíceis de apagar”, e o que há “é um grande desânimo das pessoas”, afirma.

Há 21 milhões de inscritos, mas o empresário do ramo do retalho alimentar está convencido de que a abstenção “será muito grande”, até porque o ouve da boca daqueles com quem se cruza no dia-a-dia: “As pessoas dizem ‘para que é que eu vou votar, a gente já sabe que vão ganhar’; outros acham que se forem votar agora vão legalizar aquilo que se deu em Julho”.

Os apelos ao boicote à “farsa eleitoral” têm vindo da principal líder da oposição na Venezuela, María Corina Machado (do Vamos Venezuela, que integrava a coligação liderada por Edmundo González), mas não são consensuais. O partido da oposição Primeiro Justiça (PJ)

anunciou em Abril a expulsão do líder político Henrique Capriles, candidato presidencial em 2012 e 2013, que decidiu concorrer às eleições de hoje.

Fernando Campos Topa acredita que a não-participação nas eleições “também não ajuda, porque um dos maiores erros que a oposição venezuelana cometeu nos últimos 25 anos” foi deixar o caminho livre a Hugo Chávez. “Deixaram a Assembleia da República completamente nas mãos do partido do Presidente Chávez e eles fizeram tudo o que queriam; modificaram a Constituição e todos os poderes.” A oposição deixou “criar este espaço e ainda hoje estamos a pagar por isso”, conta, a partir de Caracas.

Seja qual for o resultado, há já uma certeza à partida, garante Fernando Campos Topa: “No dia seguinte é segunda-feira e temos todos de sair para ir trabalhar. É uma segunda-feira igual às outras. Embora eu acredite que as pessoas até vão tentar nem ver as notícias, porque não ajuda nada”, admite.

Vitórias para todos

Também a partir da capital venezuelana, o analista político Luis Vicente León diz que é “plausível uma taxa de participação entre 30% e 35%” e que “a combinação da elevada abstenção, do apelo de parte da oposição ao boicote das eleições e da fragmentação entre os grupos da oposição que participam favorece um resultado claramente dominante para o partido no poder”, já que só se espera uma “concorrência efectiva em dois ou três estados”.

Para este economista e professor universitário, seja qual for o resultado, “é previsível que diferentes actores reivindiquem a vitória por diferentes razões”. Para o Governo de Maduro, a maioria parlamentar servirá “como uma validação da sua



María Corina Machado com Juan Pablo Guanipa, detido na sexta-feira

Maduro detém opositor político na clandestinidade

Um dos últimos episódios de hoje foi a detenção de um dos opositores de Maduro. O dirigente do Primero Justicia (PJ), um dos partidos que se coligou nas eleições presidenciais do ano passado contra o actual Presidente, Juan Pablo Guanipa, foi detido na sexta-feira.

Tal como a sua aliada e coordenadora do Vente Venezuela, María Corina Machado, Guanipa encontrava-se na clandestinidade desde os tumultos que se seguiram às eleições e à repressão sobre os membros da oposição. O dirigente político foi detido com outros 50 colaboradores.

O jornal venezuelano *El Nacional* refere que Guanipa foi

visto pela última vez em público num protesto em Agosto. A notícia da sua detenção foi dada num post na rede X: “Irmãos, se estão a ler isto, é porque fui raptado pelas forças do regime de Nicolás Maduro. A partir de hoje, faço parte da lista de venezuelanos raptados pela ditadura”.

Em entrevista ao site argentino Infobae, María Corina Machado considerou a detenção um sinal evidente das fragilidades do regime no poder. O regime de Maduro está “em fase terminal” e a repressão é o único trunfo que lhe resta, afirmou. Machado, que permanece escondida há dez meses, tal como outros líderes políticos, diz ter a certeza que também está a ser procurada.

Os EUA criticaram já a actuação das forças de Maduro.

Num comunicado citado pelo *El Nacional*, a embaixada norte-americana em Caracas acusou Maduro de intensificar “o uso da guerra jurídica para silenciar arbitrariamente vozes venezuelanas proeminentes na véspera de eleições que não serão livres, justas ou transparentes”.

“A administração Trump reitera o seu compromisso de responsabilizar os funcionários do regime por violações dos direitos humanos e garantir que os EUA não contribuam, directa ou indirectamente, para o financiamento de uma ditadura que colabora activamente com nossos adversários”, acrescentou o comunicado, em alusão à proximidade entre o regime de Maduro e Teerão e Pequim.



posição política”, enquanto, para a oposição abstencionista, a baixa taxa de participação será um reflexo da “rejeição pública” do processo eleitoral. “Já a oposição participante argumentará que, embora minoritária, a sua presença parlamentar impede a exclusão total, preserva a visibilidade institucional e posiciona os seus líderes para futuros processos políticos ou negociações”.

Sobre a principal figura da oposição, o analista explica que “a popularidade de María Corina Machado tem vindo a enfraquecer rapidamente, seguindo o mesmo padrão de declínio registado por Juan Guaidó, em 2019”.

“Apesar de continuar a ser a figura mais proeminente da oposição, perdeu mais de 25 pontos percentuais de aprovação”, enfrentando “projeções cada vez mais negativas” devido a uma “incapacidade de cumprir a promessa de mudança política” com a qual se comprometeu ao longo dos anos.

“A sua coragem não está em causa, a sua eficácia e capacidade de

cumprir as expectativas é que estão”, sublinha Luis Vicente León.

E a “situação é agravada pela sua necessidade de apoiar políticas que são profundamente impopulares entre os venezuelanos – incluindo sanções dos EUA e até deportações sumárias para El Salvador, que são amplamente vistas como inaceitáveis pela população”.

A estratégia política da líder do Vamos Venezuela “passou a ser a de aproveitar a onda de desinteresse generalizado em participar nas eleições”, apelando à abstenção, mas “muitos consideraram que este é um curso suicida para a oposição, pois acelera a perda de espaço político e relevância”.

Marcelo Moriconi, investigador e professor do Centro de Estudos Internacionais do Iscte, está convicto de que as eleições de Julho do ano passado foram “as últimas eleições na Venezuela”. Tudo o que vier agora será “uma encenação ou um simulacro de eleição e o resultado será aquele que o oficialismo

quiser”, diz ao PÚBLICO.

Maduro está no poder e aí ficará “enquanto houver instituições, como o exército, que o apoiem”, diz o especialista. “Quando começar a perder esse poder, e já há sinais de quebras internas nessas instituições, será isso que eventualmente levará a uma mudança de regime”, explica.

“Salvar o pescoço”

Referindo o episódio recente da libertação dos opositores políticos que estavam refugiados na Embaixada da Argentina e que foram retirados do país através de uma operação-surpresa organizada pelos Estados Unidos, no que foi “um golpe muito negativo para o Maduro”, Marcelo Moriconi diz que já se começam a ver fragilidades. Assim, mais tarde ou mais cedo, é provável que se comecem a ver movimentos de “autoprotecção de alguns sectores”.

Pode haver quem, dentro do ecossistema governativo, judicial e policial venezuelano, comece a achar que antes que as coisas comecem a ficar “muito críticas para Maduro” seja melhor incentivar uma mudança, para não ir por arrasto. Segundo o académico, “Maduro sair do poder não significa só sair do poder”, significa que haverá muita gente a quem atribuir culpas pelo regime e são esses que podem eventualmente gerar “movimentos internos que digam ‘olha, o melhor é dar esta cabeça [Maduro] para salvarmos o nosso pescoço”.

Luis Vicente León reconhece que grande parte da população perdeu a confiança na possibilidade de as eleições constituírem uma via viável para a mudança política. “A abstenção é menos uma questão de apatia e mais uma questão de frustração com ambos os lados do espectro político, levando a um sentimento colectivo de estagnação e impotência.” Mas o analista sublinha que para quebrar este “ciclo complexo” não se pode estar à espera de “um ponto de viragem único” ou uma “única eleição ou acção radical”.

Será um “processo longo e difícil”, que tem de começar com “o reconhecimento de uma realidade fundamental”, que é que a oposição “não foi capaz de converter as vitórias eleitorais numa verdadeira mudança política”, mesmo que represente “uma maioria em termos de sentimento público”.

Por isso, defende que “a participação moderada da oposição, mesmo quando vai contra o sentimento popular e enfrenta duras críticas, torna-se uma forma de resistência política”, para “preservar espaços, manter a presença institucional e recusar-se a abandonar a luta, em vez de deixar um vazio que poderia ser preenchido por um domínio de partido único ao estilo cubano, iriano ou nicaraguense”.